

CIVILIZAÇÃO

CADERNO DE CULTURA & LAZER



ma ao povo, casada com sua orientação política.

Em 1948, engajado na Conferência de Compositores de Praga, adotou a estética do realismo socialista. Sua postura no entanto geraria retaliações políticas: de volta ao Brasil, na virada da década de 40 para 50, foi proibido de reassumir seu posto na Orquestra Sinfônica Brasileira (que ajudou a criar) e acabou arrendando uma fazenda para sobreviver. Em meados dos anos 50, Carlos Lacerda conseguiu que ele fosse deposto do cargo de diretor musical da Rádio Clube.

A década de 60 abre com Santoro vindo para Brasília onde foi organizador e coordenador do Departamento de Música, da Orquestra de Câmara e dos cursos de composição e regência na Universidade de Brasília, integrado a uma equipe e um projeto que faziam da UnB um dos mais férteis campos de efervescência cultural e política da época no Brasil. Em 1963, assistindo a um solo de dança da bailarina e coreógrafa Gisele sobre seus *Prelúdios*, na Fundação Brasileira de Balé, no Rio, ele conheceria aquela que viria a ser sua segunda esposa. Gisele e Santoro se apaixonaram e, pouco tempo depois, se casaram. Mas a época era difícil; o apartamento do maestro começou a ser invadido por militares, em busca de material subversivo. Por medo de ter suas obras destruídas, Santoro decidiu exilar-se.

Na Alemanha, cuidou da documentação e difusão da música brasileira. Em 1970, assumiu o cargo de professor de regência e composição na Universidade de Mannheim, função que desempenharia até 1978, quando decidiu retornar ao Brasil - faltava pouco para conseguir a aposentadoria. De volta aos quadros da UnB, como professor titular de composição e regência, logo foi convidado a assumir a cadeira de maestro titular da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional. Dedicou-se à OSTNB com toda a determinação. Gostava de conversar com os músicos, abonava suas faltas por motivos de doença (para evitar que fossem descontados), fazia questão de manter uma partitura à frente no momento de reger. Gostava de dizer que era apenas mais um músico ali. Definia-se como um artesão da música.

Santoro deixou 14 sinfonias, dois oratórios, três cantatas, muitos trabalhos para Orquestra (com coro, solista, de cordas, de câmara ou sinfônica), e para coro, sete para quarteto de cordas, sonatas para violino, violoncelo, piano, oboé, flauta, trompete, duos, trios, quintetos, dez balés, uma ópera, peças solo para música eletroacústica, música de ação cênica, 300 partituras para música incidental e ainda encontrou tempo para sua segunda paixão, as artes plásticas. Recebeu incontáveis prêmios pelo mundo afora. Um criador de talento múltiplo, artista dos mais inquietantes do século, que atualmente tem sido equiparado à unanimidade de Villa-Lobos.

CARMEN MORETZSOHN
Colaboradora

Em 27 de março de 1989, o maestro Claudio Santoro chegou disposto e comprometido como sempre a reger o ensaio geral da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional. Era o último antes do concerto comemorativo em homenagem aos 200 anos da Revolução Francesa. Mas a elegância tímida do maestro com a batuta foi cortada por um movimento involuntário do corpo. Santoro sofreu um infarto fulminante na frente de seus músicos. E morreu no palco, antes que lhe prestassem socorro. Mesmo sem ter escolhido, falecia da forma mais simbólica para um artista que dedicou sua vida à música.

Dez anos depois, o Brasil promete relembrar a falta que o maestro faz. Um disco com sua ópera *Alma* será lançado pela Funarte; o maestro Sílvio Barbato trabalha em uma edição crítica de suas sinfonias; a Associação Cultural Cláudio Santoro pretende colocar no mercado gravações remasterizadas de várias de suas obras; e voltam à circular as gravações que o tenor brasileiro Aldo Baldin fez das *Canções de Amor* que o maestro compôs na década de 50. Será criada também a Comenda de Mérito Cultural Cláudio Santoro, para as personalidades culturais que se destacarem.

No momento de sua morte, Claudio Santoro estava no meio de um redemoinho de forças políticas. Batia de frente com o então diretor-executivo da Fundação Cultural, o maestro Marlos Nobre, que insistia em fazer intervenções na forma de Santoro conduzindo os trabalhos da Orquestra do Teatro Nacional, da qual era maestro titular. As brigas levaram Santoro a perder o bom-humor de sempre. Mas não era fácil arrefecer o amor de Santoro à música e, dois meses antes de sua morte, o maestro podia ser flagrado na Alemanha compondo sua última sinfonia.

Claudio Franco de Sá Santoro nasceu a 23 de novembro de 1919, em Manaus, filho de Michelangelo Giotto Santoro e Cecília Autran Franco de Sá Santoro, professora de pintura. Artista precoce, aos 14 anos já fazia concertos como solista no violino, no grande Teatro Amazonas. Depois de concluir o secundário, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde estudou harmonia, história da música e, mais tarde, composição musical com Koellreutter, professor alemão radicado no Brasil. Santoro que já praticava a técnica dos 12 sons do dodecafonismo intuitivamente, estimulou o mestre a retomar o serialismo schonberguiano.

Em 1946, ganhou bolsa de estudos da Fundação Guggenheim, mas foi impedido de entrar nos Estados Unidos por ser filiado ao Partido Comunista. Na França, o maestro concluiu sua formação musical, com um curso de direção de Orquestra no Conservatório de Paris, e especialmente, Composição com Nadia Boulanger (na época, o maestro encontrou tempo para também estudar cinema na Sorbonne). Este período transformaria sua vocação musical. Santoro converteu-se à estética nacionalista, buscando uma arte próxi-

SANTORO